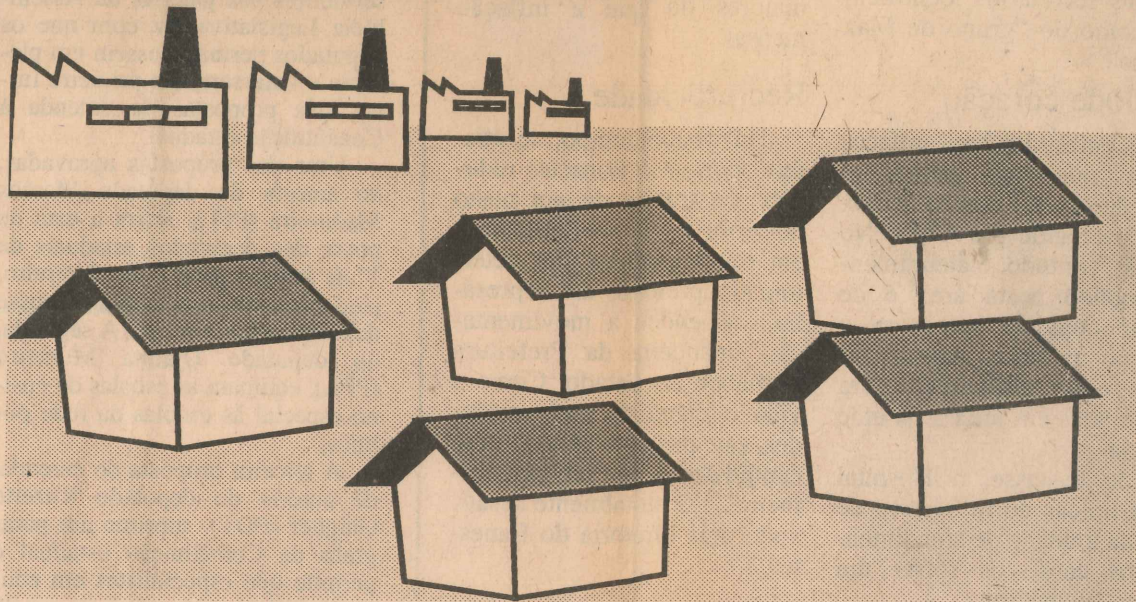


O PDU de Vitória 071

4123041
Orlando Caliman

“Para o bem ou para o mal, (a cidade) o convida a refazê-la, a consolidá-la numa forma em que você possa viver nela” (Jonathan Baran, em “Soft City”)

Recentemente, neste mesmo espaço, o secretário de Planejamento da Prefeitura Municipal de Vitória teceu algumas considerações sobre a necessidade de se “construir”



um novo PDU — Plano Diretor Urbano —, ou mesmo reformulá-lo. Argumentava o secretário que o atual PDU já não atendia às novas necessidades colocadas pelas mudanças que estão em curso, tanto as de ordem econômica quanto as de ordem social e da própria concepção de cidade. Em síntese, parece não se ajustar ao momento presente a idéia de espaços funcionais e estratificados.

Um PDU não deixa de ser um substrato da própria concepção (idéia) de planejamento, com a sua carga ideológica e de visão de mundo. Por mais que tenha sido discutido à época e com os mais diversos atores, o PDU de Vitória traz no seu bojo uma determinada visão de planejamento, de mundo e de cidade. A imagem de cidade era algo percebido enquanto um futuro desejado, uma espécie de fotografia de uma Vitória ideal, padronizada, funcional e racional.

Era exatamente no princípio da racionalidade que se fundamentava o planejamento tradicional. Que implicação tem essa racionalidade?

Implica logicamente em concepções universalizantes, em valores homogêneos e em padrões tanto de conhecimento quanto da forma de produzir a riqueza da sociedade. Daí a idéia de padronização de espaços produtivos funcionais-espaciais para certos serviços, para certas indústrias, espaços para residências etc... Em suma, o que prevalecia era a concepção de cidade planejada.

O que há de errado nisso? A se julgar pelo momento de sua idealização e pelo estado do conhecimento dominante não caberiam críticas. O julgamento a posteriori, em compensação, fica mais fácil, pelo fato da década de 80 ter sido marcada por transformações profundas, rupturas de paradigmas antes tidos como imutáveis. Toda essa ebulição fez cair por terra valores e práticas. Esse movimento teve na destruição do muro de Berlim a sua síntese mais concreta. Assim, os olhos do presente podem estar passando a ver o mundo de forma diferente.

A concepção de PDU's nas décadas de 60 e 70 teve como expressão maior o sentido do coletivo, só que um sentido tomado e construído a partir da visão do planejador. Essa visão um tanto quanto exclusivista e às vezes totalitária descolava a construção da cidade dos processos sociais em curso. Dessa mesma doença sofreu o planejamento governamental como um todo e com ele os planejadores, uma “casta” que se colocava na privilegiada posição de detentores do conhecimento da dinâmica social a ponto de se postarem como agentes de mudanças.

Assim, em nome do racionalismo e sem distinção ideológica, os planejadores urbanos passaram a idealizar a cidade à sua imagem e criação. Brasília pode ser considerada o exemplo extremo de visão utópica, impregnada de padrões, de espaços homogêneos, de divisões funcionais (áreas para bancos, para hotéis, para residências, para ministros etc.) dando a impressão de que nesse caso o “homem” é que teria que se ajustar às formas criadas e não o contrário.

Há uma frase que pode representar o sentimento dominante hoje quanto à concepção de cidade: “para o bem ou para o mal, (a cidade) o convida a refazê-la, a consolidá-la numa forma em que você possa viver nela” (Jonathan Baran em “Soft City”, citado por David Harvey em “Condição Pós-Moderna”). Aqui, a cidade é vista como um teatro, com os cenários interagindo com os atores, portanto, possuindo uma plasticidade própria, não mais sujeita a racionalismos universalizantes, mas heterogênea, fragmentada, diferente.

No momento em que vozes se levantam favoravelmente a uma revisão do PDU de Vitória, as reflexões aqui colocadas podem ser válidas, principalmente se levarmos em conta o momento histórico, onde crise e abertura democrática convivem lado a lado. O que almejamos, em síntese, é buscar uma Vitória na qual possamos viver.

Orlando Caliman é economista e professor da Ufes

CALIMAN, Orlando. O PDU de Vitória.
A gazeta. Vitória 3 junho 1993.

J.C. p. 5. C. 3, 4, 5 e 6